

O silêncio, por Leila Guerreiro

Segundo a OMS, uma em cada cinco meninas e um em cada treze meninos são vítimas de “abuso sexual”

(El País, 21/02/2018 - acesse no site de origem)

Talvez fosse melhor dizer a eles: “[Ninguém vai acreditar em você](#). A mãe não vai acreditar em você, a vovó não vai acreditar em você. Você vai se encolher quando ouvir ruídos do outro lado da porta do quarto, terá pavor das aulas de educação física e do confessionário, mas, para a mãe, para a vovó, para seus colegas, esse porco que entra em seu quarto ou se tranca com você depois da aula não é um porco e sim o papai adorado, o vovô adorado, o professor ou o padre querido por todos. Terá medo de contar à mãe porque, quando ela souber, vai expulsar o papai de casa (e a culpa será sua), e de contar à professora porque seu professor disse que esse é um segredo entre vocês dois (e que, se deixar de ser segredo, sua vida se transformará em um pesadelo ainda pior)”. Talvez fosse melhor dizer a eles: “Se acontecer, é isso que você tem que fazer”. Porque as armas que aplicamos até agora não parecem dar resultado. Segundo a [OMS](#), uma em cada cinco meninas e um em cada 13 meninos são vítimas de “abuso sexual” (traduzindo: um ser humano de seis anos é perfurado por um adulto que sabe o que está fazendo). Há dezenas de campanhas. Quase todas repletas de eufemismos anestésicos e dirigidas a adultos que, às vezes, são os que protegem quem molesta (na maioria dos casos, quem molesta é o pai, o avô, o padrasto). Leio em um relatório da [Unicef](#) uma lista de mitos refutados. Um deles é: “Crianças em idade pré-escolar não precisam receber informação sobre abuso sexual porque ficariam aterrorizadas”. Em seguida, o relatório tenta derrubar o argumento: “Os programas educativos ajudariam a desenvolver, desde pequenos, habilidades para se proteger de forma útil e eficaz contra os agressores”. Mas, como é aterrorizante falar disso com as crianças, aderimos ao carnaval do eufemismo vazio que tranquiliza consciências adultas e replica o silêncio - nada metafórico - com o qual os molestadores amordaçam suas vítimas.